

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

CONHECIMENTO E PRODUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO E A CONSTRUÇÃO DO  
TERRITÓRIO. UMA PERSPECTIVA DO IHGRGS

*Zélia Guareschi Fioreze*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 27: 60-70, dez., 2001.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38426/24697>

---

Publicado por

**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

---



**Portal de Periódicos**  
**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

## Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - dez., 2001.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

## CONHECIMENTO E PRODUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO E A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO. UMA PERSPECTIVA DO IHGRGS

Zélia Guareschi Fioreze\*

Com o objetivo de investigar o conhecimento e a produção geográfica do e sobre o Rio Grande do Sul, buscamos compreender o surgimento e a trajetória de uma instituição regional e sua contribuição na produção desse conhecimento. A entidade eleita foi o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS. No universo de possibilidades que se oferecem para análise, optamos por privilegiar a produção publicada pela revista que a entidade fez circular nos primeiros anos de sua existência.

*A história do pensamento geográfico no Brasil tem suscitado interesses e debates nos últimos tempos. A releitura da trajetória disciplinar, no geral, tem se limitado a uma retrospectiva que orienta para o movimento de institucionalização científica e acadêmica, status adquirido na década de 1930, com a criação dos primeiros cursos superiores no Brasil, o que só na década de 1940 ocorreu no Rio Grande do Sul.*

É posição comum entre os pesquisadores do tema, a necessidade de se investir na historiografia da ciência geográfica, visto esta não ter acompanhado a renovação da geografia, com significativa repercussão a partir de 1980. É nesse contexto que se insere o interesse pela história do pensamento geográfico no e do Brasil, trazendo à tona o debate sobre a trajetória da geografia e os primeiros passos no “descobrimento” do território que viria a constituir o suporte físico da história da nação.

Antonio Carlos Robert de Moraes é um dos pesquisadores que se manifestou sobre a carência de estudos da história do pensamento geográfico até aqui

---

\*Licenciada em Estudos Sociais, especialista em Metodologia do Ensino da Geografia e mestre em História Regional. Professora do Curso de geografia/UPF e do Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição/Passo Fundo. Zélia@upf.tche.br

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	Nº 27	P. 60-70	DEZ. 2001
--------------------------------	--------------	-------	----------	-----------

produzido quando afirma que, “para um país onde a existência de fundos territoriais e patrimônios naturais são fatos notáveis, a falta de uma reflexão mais acurada sobre os temas e questões geográficas constitui uma lacuna na historiografia nacional”<sup>2</sup>.

Constituindo-se num verdadeiro desaguadouro das discussões em torno da disciplina e da história da disciplina, são exemplares, nesse sentido, os Encontros Nacionais de Geógrafos<sup>3</sup>, promovidos pela Associação dos Geógrafos do Brasil – AGB, que deram os primeiros e importantes passos no sentido de rever o percurso da disciplina como forma de compreender as diferentes faces que se apresentam nessa retomada, abrindo espaços para discussão e orientação de novas linhas de pesquisa.

Foi, entretanto, o recente Primeiro Encontro de História do Pensamento Geográfico, promovido pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual de São Paulo - Unesp, de Rio Claro, o marco referencial no sentido de estimular a troca de experiências e consolidar linhas de pesquisa sobre a trajetória do saber geográfico no Brasil. Ao reunir as experiências dispersas, esse evento pretendeu “dar início a um esforço conjunto no sentido de rever, atualizar e aprofundar muitas visões que se constituíram à sombra do desconhecimento do passado, produzindo ou justificando práticas atuais”<sup>4</sup>, dando a entender o reconhecimento e a valorização de uma produção já existente, intencional ou não, como ponto de partida e estímulo a novos percursos.

Merece ser destacado, nesse sentido, um dos desdobramentos desse primeiro encontro – o Espaço de Diálogo Inventários do Brasil – durante o XII Encontro Nacional de Geógrafos, ocorrido em Florianópolis em julho/2000, posicionando-se sobre a necessidade de um resgate de geógrafos brasileiros e estrangeiros que, “na atmosfera da ‘geografia tradicional’, escreveram e refletiram acerca de problemáticas nacionais”<sup>5</sup>. Para tanto, aponta para a carência de pesquisas sobre instituições ligadas à reflexão geográfica, como o IBGE, IHGs, SGRJ e outros, e a visão sobre a natureza e o território como referenciais de identidade nacional/regional e os discursos geográficos sobre o território.

Desses encontros, portanto, emergiram trabalhos que trouxeram para a

<sup>2</sup> Cf. *Anais do XII Encontro Nacional de Geógrafos*. Programas e resumos. Florianópolis: AGB/UFSC, 2000, p. 77.

<sup>3</sup> O X Encontro Nacional de Geógrafos, realizado no Recife em 1996, abordou o assunto através de mesa-redonda que versou sobre o pensamento geográfico produzido no Norte e no Nordeste do Brasil no período anterior a 1930; no XI Encontro, realizado em 1998 em Vitória da Conquista, constituiu-se um grupo de trabalho permanente sobre o tema. O XII Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Florianópolis em julho/2000, abriu amplo espaço para a discussão em torno do eixo da história do pensamento geográfico brasileiro, através de mesas-redondas e espaços de diálogo.

<sup>4</sup> Cf. apresentação da Comissão Organizadora do I Encontro de História do Pensamento Geográfico. *Anais*. Rio Claro: Unesp, 1999.

<sup>5</sup> Cf. Relatório do GT de História do Pensamento Geográfico no Brasil, no ano de 2000.

mesa das discussões investigações que retomaram o percurso da disciplina e da sua história através de diferentes caminhos. Um desses caminhos orientou os debates em torno do conhecimento geográfico produzido pelas instituições denominadas *históricas* e *geográficas*, que oferecem atualmente valiosos subsídios aos que se dedicam à tarefa de "pensar o Brasil no Brasil do passado".

O que mais nos despertou a atenção, entretanto, foi a quase-inexistência de estudos sobre a produção do conhecimento geográfico no Rio Grande do Sul. Por isso, entendemos que há um amplo leque de investigações a ser desenvolvido nesse campo do conhecimento<sup>6</sup>, o que procuramos fazer através do IHGRGS, cuja farta produção e publicação merecerem pesquisas, pois ele se constituiu num vetor do conhecimento e produção praticamente desconhecido dos pesquisadores do domínio geográfico.

O presente texto objetiva contemplar a leitura geográfica no e do estado do Rio Grande do Sul, na perspectiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS, através da revista publicada pela instituição. Trata-se, pois, de analisar como o instituto em estudo produziu representações, contribuindo para uma leitura geográfica do território<sup>7</sup>.

As tentativas de reconstrução do saber através de instituições passam, necessariamente, pela leitura da ação dessas instituições, com base no contexto histórico-espacial onde se constituíram, o que permite dar significado ao seu papel formador e à sua relação com projeto político e as conjunturas históricas vigentes, pois, conforme Figuerôa, a implantação e a consolidação de atividades científicas implicam o estabelecimento de "uma rede de sustentação das atividades cujos elementos mais visíveis são as chamadas *instituições científicas*", nas quais estão presentes as comunidades científicas, os diferentes grupos sociais e os interesses do Estado, entre outros, manifestando as especificidades dos processos

<sup>6</sup> Encontramos nessa abordagem NEVES, Gervásio. *Os olhares sobre o Rio Grande do Sul*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, n. 129, 1993, p. 101 – 130; SCHAEFER, Neiva O. e SUERTEGARAY, Dirce M. *O urbano no Boletim Gaúcho de Geografia*. Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano – 50 anos de geografia urbana brasileira. São Paulo: Edusp, 1994. COPSTEIN, Raphael. *Origem e evolução da AGB no Rio Grande do Sul*. Boletim Gaúcho de Geografia. Porto Alegre, n. 12, 1984, p. 36 – 48 (trata da organização da instituição e o debate geográfico no seu interior); RÜCKERT, Aldomar. *O papel social e político da geografia no Brasil – subsídios à história do pensamento geográfico no Rio Grande do Sul*. Boletim Gaúcho de Geografia. Porto Alegre, n. 22, 1997, p. 17 – 26 (trata-se de um trabalho que, além de fazer um resgate do que foi produzido, aponta para campos de interesse a serem investigados).

<sup>7</sup> O presente texto se insere na temática desenvolvida na dissertação de mestrado recentemente defendida (Janeiro/2001) no Programa de Pós-Graduação em História/ UPF, com o título "A invenção do Rio Grande do Sul: território e identidade na visão do IHGRGS (1930 – 1937)". No referido trabalho, buscamos investigar o pensamento geográfico no e sobre o Rio Grande do Sul através da leitura da *Revista do IHGRGS*, publicada pela instituição.

vividos localmente<sup>8</sup>. Trata-se, pois, de analisar como a instituição em estudo – IHGRGS, conformada no início do século XX, produziu representações do seu território através da participação dos seus membros e expressas na sua revista, órgão oficial de divulgação.

A criação do IHGRGS<sup>9</sup> encontrou o Rio Grande do Sul numa situação de “fronteira” do ponto de vista econômico, político e cultural. Frequentemente envolto em turbulências políticas, o período que antecedeu a criação do Instituto uniu a classe política em torno de um projeto nacional que se concretizou com a tomada da liderança política nacional, em 1930. Na esfera econômica, a agropecuária cedeu espaço para a indústria, que trouxe consigo a urbanização e a formação da classe operária, que se organizou como classe social e passou a reivindicar atenção, quer política, quer social ou, mesmo, intelectual. O desenvolvimento crescente do ensino primário, médio e superior e a atuação da Academia Rio-Grandense de Letras sustentaram e exigiram a criação de uma entidade nos moldes do IHG<sup>10</sup>.

Situado no limiar da afirmação regional e da integração nacional, o IHGRGS integrou-se a esse período assumindo o espírito de que “tudo está por fazer”<sup>11</sup> e o fez pelo forte desejo de se fazer notar no país. Para tanto, o enfoque regional, marcante entre os membros mais atuantes do instituto, sempre esteve “colado” às questões nacionais e também mundiais. Saliente-se que a justificativa para a sua criação fundou-se na aproximação das comemorações do centenário da Independência, sobre o que Souza Docca dizia ao se manifestar como orador, na ocasião: “É mister, pois, que saibamos corresponder a essa confiança, fazendo com que o Rio Grande do Sul, juntamente com seus irmãos, se apresente naquela magna data com um livro sobre sua vida, evitando assim que os nossos patricios sejam estrangeiros em sua própria terra”<sup>12</sup>. Preenchendo condições e necessidades regionais, o IHGRGS, contudo, atuou sem perder de vista o projeto de construção da nação brasileira.

<sup>8</sup> FIGUERÔA, Sílvia. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875 – 1934*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 24.

<sup>9</sup> O IHGRGS foi criado no dia 5 de agosto de 1920 e instalado no dia 19 de novembro do mesmo ano. Anteriormente, outras tentativas de criação foram feitas sem terem logrado maior êxito (RIHGRGS, 1982, n. 123). Hoje, a entidade particular congrega trinta associados, tem sua sede na rua Riachuelo, em Porto Alegre, e continua oportunizando o conhecimento da história gaúcha e brasileira, através da produção dos seus associados e do vasto acervo bibliográfico e documental que coloca à disposição da comunidade interessada.

<sup>10</sup> FERREIRA FILHO, Arthur. *História geral do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1978, p. 171 – 197.

<sup>11</sup> Expressão utilizada pela historiadora Ieda Gutfreind. *Historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998, p. 32.

<sup>12</sup> Discurso do orador Souza Docca na instalação do instituto. RIHGRGS, 1921, n. 1, p. 123. Optamos por manter a grafia original nas transcrições da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*.

Os estatutos que nortearam o instituto, quando da sua criação, previam que ele tinha a finalidade de promover estudos e investigações relacionados à história, geografia, arqueologia, etnografia e paleontologia, do Brasil e especialmente do Rio Grande do Sul, cultivar o folclore e a língua dos indígenas que habitavam ou que habitam o estado<sup>13</sup>. Assim, visualizamos o IHGRGS como uma entidade destinada a resgatar e promover o conhecimento do Rio Grande do Sul, partindo do pressuposto de que ela produziu um conhecimento que, secundando o papel da história, encarregou-se de descrever o território no seu aspecto e na sua conformação e ocupação.

Promovendo o resgate documental e reconstruindo o passado, dava-se forma ao presente, através de fatos, nomes e datas. Enfim, definia-se o que deveria ser incorporado à tradição regional e nacional: foram criados arquivos, festejados aniversários e organizadas celebrações, tornando o Instituto um verdadeiro "lugar de memória" na concepção de Pierre Nora<sup>14</sup>.

Dentre as diversas vertentes que se oferecem para análise, privilegiaremos aquela que contempla o território: suas feições, sua construção e ocupação, apontando para as principais percepções dos seus autores e da nossa percepção sobre elas. Essa leitura será norteada pela concepção de geografia que assumimos, ou seja, uma visão social na qual interagem os elementos da natureza e da sociedade e que, portanto, produzem um território resultante da sua soma e interação.

O período focalizado, de um lado, assume papel importante por corresponder aos primeiros anos de existência da instituição, fato que, por si só, se reveste de importância pois, no geral, são os primeiros anos os definidores ou delineadores dos rumos de uma instituição. De outro lado, o período selecionado para análise (1920 - 1937) corresponde a uma fase "pré-científica" da geografia e baseia-se em produções incipientes que podem ser classificadas como de "intenção" geográfica, mas não amparadas pelo rigor científico e metodológico da geografia.

Importa, igualmente, no contexto da produção do IHGRGS, salientar que a elite intelectual que compunha os quadros e que produziu o conhecimento geográfico da instituição era constituída por um grupo de formação geral e não da área específica. Ao circular em na composição social do IHGRGS, advogados, engenheiros, médicos, sacerdotes, militares, professores, funcionários públicos, engajados no projeto de formação nacional/regional, percebemos que são esses os responsáveis pelo resgate e pela (re)produção do conhecimento e também do conhecimento geográfico. Por isso, não poderíamos esperar outro comportamento: o tipo de conhecimento produzido reflete, além do interesse de uma época, o

<sup>13</sup> Estatutos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, publicados na *Revista do IHGRGS*, 1921, n. 1, p. 135 - 150.

<sup>14</sup> NORA, Pierre. Entre a memória e a história. A problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993. P. 7 - 28.



perfil intelectual dos autores. Esse fato justifica a mescla de interesses que permeia a produção do IHGRGS, a diversidade de temas focalizados e as investidas de um mesmo autor em diferentes áreas de conhecimento, marcante no período analisado. Dai decorre a dificuldade que tivemos, num primeiro momento, em classificar os temas de cunho geográfico uma vez que essa produção limita-se e condiciona-se à formação, atuação, interesse e visão de mundo desse grupo.

Se, por um lado, encontramos dificuldade na classificação dos textos entre o geográfico<sup>15</sup> e o não-geográfico, por outro, o que pode ser identificado, sem qualquer dúvida, é o papel específico destinado aos textos tidos como de geografia. Em sua maior parte, esses se concentram na "leitura" do território, quer pela sua descrição, quer pela demarcação de seus limites, quer pela ocupação, constituindo um papel secundário e auxiliar da história: constituem o palco onde essa transcorre.

Essa condição e esse papel da geografia são assim retratados por Magnoli:

*É como se a produção historiográfica desempenhasse papéis identitários, enquanto a geográfica apenas instrumentalizava a definição de limites político-administrativos e fronteiras. Essa interpretação – que passa ao largo da ausência de distinção, nas publicações dos institutos, entre os textos de um tipo e de outro – acaba esvaziando o sentido principal dos discursos geográficos dos institutos, que cumprem exatamente o mesmo papel dos discursos historiográficos. A definição e a delimitação do território apareciam como condições essenciais para a construção da nação: assim como a tradição é a pátria no tempo, o território é a pátria no espaço<sup>16</sup>.*

A produção do IHGRGS não foge à regra se considerada a argumentação feita pelo autor: a preocupação com o território e, especialmente, a "ausência de distinção" nos textos publicados. Refletindo um conhecimento geográfico oriundo da produção de não-geógrafos, os títulos vão do claro enfoque geográfico à abordagem geográfica secundária ou subjacente, permeando produções também da história (principalmente desta)<sup>17</sup>, da antropologia, da etnografia, da arqueologia e da lingüística, conferindo diferentes matizes à produção do instituto. Observa-se que não houve uma preocupação específica de escrever geografia, mas de, através também da geografia, conformar e descrever o território do Rio Grande do Sul.

<sup>15</sup> Apenas 12% dos títulos analisados foram classificados como de interesse geográfico.

<sup>16</sup> MAGNOLI, Demétrio. O corpo da pátria: *imaginação geográfica e política externa do Brasil (1808 – 1912)*. São Paulo: Moderna/Unesp, 1997, p. 110.

<sup>17</sup> Os títulos de história correspondem a 44% do material manuseado.

A leitura geográfica do conjunto de textos permite-nos abordar, respeitado o privilégio da base física sobre a humana, a descrição do espaço natural, cartografia, demarcação de limites, formação e ocupação do território, toponímia indígena, transporte e comunicação e visão do homem gaúcho, e, dessas, apontar algumas observações.

Delimitar o território, investigá-lo e descrevê-lo foram procedimentos de primeira linha nas preocupações do IHGRGS. A exemplo da história da nação, o território da nação devia, também, ser exaltado e posto em evidência. O olhar sobre a paisagem teve um misto de científico e artístico, de pitoresco e de romântico, captado e transformado pelo olhar do cientista, do viajante, do poeta, do arquiteto, do andante nativo. E as maravilhas da natureza foram manipuladas “como paisagem útil, na propaganda imigratória que, já no início do Império tenta seduzir o europeu”<sup>18</sup>.

A abordagem do espaço natural é feita através de minuciosa descrição do território, destacando-se o enfoque dado à hidrografia (rios) e à vegetação. A valorização do papel da hidrografia divide-se entre o aproveitamento para transporte, fator de convergência para ocupação de suas margens e a descrição do seu curso acompanhada da localização e descrição das nascentes, revestindo-se de importância por serem os definidores dos limites naturais<sup>19</sup>. Na cobertura vegetal, os campos, provavelmente pela sua importância econômica na época (exploração pecuária), mereceram estudo particular.

A cartografia de limites acompanha os debates em torno da ocupação e conquista das áreas fronteiriças, incumbindo-se de registrar essas descobertas e ocupações e sobre querelas litigiosas na demarcação de divisas internas.

A ocupação e colonização coloca em relevo a circunstância de localização estratégica do Rio Grande do Sul e a luta das nações ibéricas pela sua posse, envolvendo o português sesmeiro e pecuarista da Campanha e o português militarizado das fortificações litorâneas. Mais tarde, enfoca o imigrante alemão e italiano, responsável pela pequena propriedade agrícola e pela gênese da agroindústria.

A identificação dos topônimos gerou o mais belo tributo que as páginas da revista prestaram ao indígena, com as denominações às quais emprestou o seu nome, encarregando-se de contribuir para a identificação e localização dos domínios lusitanos ou espanhóis no território rio-grandense. Para Borges Fortes, o “bronco selvagem” cooperou emprestando sua linguagem para denominar os elementos naturais; aos limites artificiais criados pela conquista européia, foram atribuídos nomes de cunho católico<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> MAGNOLI. Op. cit., p. 107.

<sup>19</sup> O IHGRGS patrocinou intenso debate em torno da importância e necessidade do conhecimento e identificação das nascentes e curso dos rios por serem os maiores definidores dos limites naturais. Essa temática é abordada especialmente por Geraldo Pauwels (RIHGRGS: 1925, n. 17/18; 1926, n. 23/24 e 1929, n. 33/34); Emilio de Souza Docca (RIHGRGS: 1927, n. 28) e Dante de Laytano (RIHGRGS: 1937, n. 66).

<sup>20</sup> FORTES, João Borges. *Vocabulário tupi na corographia do Rio Grande do Sul*. RIHGRGS, 1930, n. 39/40, p. 319 – 362.



Escrever sobre o homem não era, com certeza, o interesse primeiro da geografia, que tinha uma visão essencialmente naturalista e descritiva do território. Entretanto, esse recebeu um tratamento especial como componente do elenco que se movimentava no espaço territorial. Ator do teatro de batalha entre a rivalidade de duas nações, o homem rio-grandense formou-se e cresceu na defesa do seu território, conformando o tipo característico gaúcho. A posição e as circunstâncias, portanto, forjaram o tipo social típico do Rio Grande do Sul, que mescla a força das idéias, da disciplina e da determinação à praticidade e à independência.

Ao investigar as origens do Rio Grande do Sul, Teschauer fez uma constatação:

*E não é verdade que o Rio Grande nasceu na guerra, cresceu nella, que por sua posição limitrophe era sempre uma fortaleza e um campo de batalha?*

*O Rio Grande do Sul nascia da guerra e tinha de embalar-se, de crescer, de educar-se ao som e ao alarido dos toques de rebate e de impetus da guerra. N'isso está o segredo do seu espirito altivo e bellicoso até hoje tão fortemente pronunciado<sup>21</sup>.*

O naturalista Saint-Hilaire<sup>22</sup>, nos relatos de viagem empreendida pelo sul do Brasil, faz um verdadeiro inventário da terra ainda desconhecida dos europeus. Ao descrever a natureza, vai permeando suas observações com olhar atento sobre os aspectos culturais, refletindo o homem e o cotidiano da sua vida. Aspectos da língua, costumes, habitação e hábitos alimentares acompanham a descrição da natureza contribuindo para a construção do conhecimento histórico, geográfico e etnográfico do Rio Grande do Sul.

Por fim, percebe-se que a produção inscreve-se em dois momentos da produção e expressão do pensamento geográfico. No primeiro, encontramos o que pode ser denominado de "protogeografia", onde aparecem documentos transcritos dos séculos XVIII e XIX sobre a ocupação portuguesa no Brasil meridional e a tradução de relatos de viagem. Num segundo momento, encontramos textos produzidos a partir dos primeiros anos de existência do instituto. Apesar da não-formação específica dos autores, a produção desse período, sem abandonar o caráter descritivo e naturalista, corresponde a uma geografia de base científica. Me-

<sup>21</sup> TESCHAUER, Carlos. RIHGRGS, 1921, n. 2, p. 241. *Questionamento que o autor faz baseado em Moreira Pinto, autor de Chorographia do Brasil.*

<sup>22</sup> A Revista do IHGRGS publicou a primeira parte do relato da viagem em cinco capítulos: 1922, n. 5; 1922, n. 8; 1924, n. 13/14; 1925, n. 17/18; 1926, n. 21/22. A tradução é de Adroaldo Mesquita da Costa.

rece destaque o nome de Geraldo Pauwels, cuja produção compreendida entre 1921 e 1929 se restringiu ao interesse geográfico, realizando, dentre outros, um dos estudos mais completos, fundamentados e criteriosos sobre a possível divisão regional do Brasil, o qual serviu de referencial a posteriores estudos de regionalização.

Uma visão rural norteia todo o percurso dos textos analisados. Entretanto, o urbano se faz presente na ação dos imigrantes europeus (alemães e italianos), constituindo-se no embrião da indústria agropastoril em Porto Alegre e nas áreas de colonização alemã e italiana e do comércio como atividade conseqüente à agricultura e à indústria.

Ao exercer o monopólio da produção do saber sobre o território, a elite pensante do instituto idealizou o perfil de território e de sociedade. O conhecimento produzido no seu interior, e não só o conhecimento geográfico, valeu-se da natureza para mostrar a grandeza do território. Elegendo o quê e quem comemorar, exaltou e perpetuou nomes e efemérides, apresentando-os como modelares a uma sociedade, evocando tradições, sacralizando cultos e perpetuando memórias, contribuindo, enfim, na formação do "ser gaúcho".

Em linhas gerais, a investigação feita permite-nos afirmar que a tarefa da geografia através do instituto e da revista foi balizada em dois fundamentos: o reconhecimento geográfico do território e a conquista e delimitação desse território. Por diferentes posturas, a elite ilustrada, por meio da história, fez o reconhecimento dos fatos; pela geografia, fez o reconhecimento do território. Por outro lado, reconhecemos o IHGRGS e sua revista como espaços privilegiados de produção e de conhecimento geográfico, devendo constituir-se num suporte no resgate da história do pensamento geográfico no e do Rio Grande do Sul.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOEIRA, Nelson. O Rio Grande do Sul de Augusto Comte. In: DACANAL, J.H.; GONZAGA, S. (Org.). RS: cultura e ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p., 34 – 59.
- CAPEL SAEZ, Horacio. O nascimento da ciência moderna e a América. O papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos no estudo do território. Maringá: UFM, 1999.
- COPSTEIN, Raphael. Origem e evolução da AGB no Rio Grande do Sul. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, n. 12, 1984, p. 36 – 48.
- COSTA, Rogério H. da. RS: latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- COSTA, Wanderley Messias da. O estado e as políticas territoriais no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.
- DIEHL, Astor Antônio. A cultura historiográfica brasileira. Do IHGB aos anos 1930. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- FERREIRA FILHO, Arthur. História geral do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1978.
- FIGUERÔA, Sílvia. As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875 – 1934. São Paulo: Hucitec, 1997.
- GUTFREIND, Ieda. *Historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1998.
- MAGNOLI, Demétrio. O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa do Brasil (1808 – 1912). São Paulo: Moderna/Unesp, 1997.
- MORAES, Antonio C. R. de. Histórias do pensamento geográfico: instituições, institucionalização e produção do conhecimento. XII Encontro Nacional de Geógrafos. Anais. Florianópolis: AGB/UFSC, 2000.
- NEVES, Gervásio. Os olhares sobre o Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 129, 1993, p. 101 – 130.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história. A problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7 – 28.
- PEREIRA, Sérgio L.N. Caminhos e lugares da produção do saber geográfico no Brasil 1938 – 1922. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia da FFLCH-USP.
- RÜCKERT, Aldomar. O papel social e político da geografia no Brasil – subsídios à história do pensamento geográfico no Rio Grande do Sul. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, n. 22, 1997, p. 17 – 26.
- SCHAEFER, Netva O. e SUERTEGARAY, Dirce M. O urbano no *Boletim Gaúcho de Geografia*. Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano – 50 anos de geografia urbana brasileira. São Paulo: Edusp, 1994.
- TAVARES, Giovana Galvão. A trajetória de uma “casa de saber”. O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (1930 – 1970). Campinas, 2000. Dissertação (Mestrado). Área de Educação Aplicada às Geociências, Unicamp.
- ZUSMAN, Perla B. Sociedades geográficas na produção do saber a respeito do território: estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879 – 1942) e no Brasil (1938 – 1945). Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia – FFLCH – USP.

**FONTES:**

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*: 1921: n. 1, n. 2, n. 3/4;  
1922: n. 5, n. 8; 1924: n. 13/14; 1925: n. 17/18; 1926: n. 21/22, 23/24; 1927: n. 28; 1929:  
n. 33/34; 1930: n. 39/40; 1932: n. 47; 1936: n. 62, n. 63; 1937: n. 66